



# Estudantes Macuxi na Educação Profissional e Tecnológica

**EXPERIÊNCIA NO  
CAMPUS AMAJARI**

Maria Aparecida Xavier Silva

# Estudantes Macuxi na Educação Profissional e Tecnológica

Experiência no *Campus* Amajari

Maria Aparecida Xavier Silva

2020

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
RONDÔNIA (IFRO)  
ProfEPT- Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e  
Tecnológica  
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de  
Rondônia

### **INTEGRANTES DA PESQUISA**

Maria Aparecida Xavier Silva, Lediane Fani Felzke (orientadora), Brenno Pinho das Neves, Edmilton das Neves Bananeira Neto, Evaldo Silva Ramos, Everton Fabiano Nascimento Pereira, Fernando Pinho Oliveira, Gourhan da Silva Marcolino, Hebert Leonel Carneiro de Oliveira, Isaellen Padrinho Ramos, João David Claudino da Silva, John Erik Marcolino de Campos, Judernilto da Silva Segundo, Kaio Henrique Soares Madeira, Kely Rillary da Silva Alves, Marcelo Batista Simão, Mateus Costa Ramos, Pamela De Lima Dos Santos, Rodrigo Ramos Segundo, Sandy Ramos Segundo, Thaynara Da Silva Oliveira, Vanessa Messias Torres, Yuris Da Silva.

### **REVISÃO**

Celielson de Aguiar Brito

### **IMAGEM DE CAPA**

Evaldo Silva Ramos

### **ILUSTRAÇÕES**

Isaellen Padrinho Ramos, Evaldo Silva Ramos, Marcelo Batista Simão, Kely Rillary da Silva Alves, Rodrigo Ramos Segundo, Yuris da Silva e Hebert Leonel Carneiro de Oliveira.

### **PROJETO GRÁFICO**

Augusto Rodrigues de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586e Silva, Maria Aparecida Xavier

Estudantes Macuxi na Educação Profissional e Tecnológica: experiência no Campus Amajari / Maria Aparecida Xavier Silva. – Porto Velho: IFRO, 2020.

94 p. : il. ; 29,7 cm.

Elaborado a partir da pesquisa da autora intitulada “Aspectos culturais e metodológicos no processo de aprendizagem dos estudantes indígenas: experiências do Instituto Federal de Roraima Campus Amajari” (mestrado – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia / Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-991624-2-8

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Estudantes Macuxi. 3. Saberes indígenas. I. Título.

CDD-370

Paula Lima Garcia: CRB 11/887



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhualgal 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

# SUMÁRIO

7

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO

10

13

1 HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS ESTUDANTES MACUXI: UM RECORTE DOS ESPAÇOS E PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DO CONTÃO, MUNICÍPIO DE PACARAIMARR.

1.1 BREVE HISTÓRICO DO POVO MACUXI

14

1.2 RECORTE DOS ESPAÇOS E PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DO CONTÃO

22

50

2 PERCEPÇÕES DOS  
ESTUDANTES INDÍGENAS  
DO CURSO TÉCNICO EM  
AGROPECUÁRIA  
INTEGRADO AO ENSINO  
MÉDIO EM REGIME DE  
ALTERNÂNCIA SOBRE A  
EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA

3 APROXIMANDO  
SABERES TÉCNICOS DOS  
SABERES TRADICIONAIS  
DOS ESTUDANTES  
INDÍGENAS.

72

89

REFLEXÕES FINAIS

92

REFERÊNCIAS



# PREFÁCIO

Esse livro é um novo marco sobre estudos voltados à compreensão sobre a profissionalização de jovens indígenas no ensino médio e suas perspectivas a partir da formação em uma instituição federal localizada fora das terras indígenas, onde cerca de 60% dos estudantes são indígenas. Assim, esses jovens, como protagonistas, levarão o leitor a mergulhar no processo de compreensão do contexto sociocultural onde estão inseridos.

Com isso, a decisão da autora em desenvolver um estudo a partir das percepções e vivências dos estudantes indígenas, traz novos elementos para se pensar e construir uma proposta de Educação

Profissional e Tecnológica com os povos indígenas, pois traz o olhar do jovem em formação e suas perspectivas de vida, que muitas das vezes são diferentes do projeto de vida do povo ou da comunidade indígena a que pertence.

Assim, nos levar a fazer a seguinte indagação: O que o jovem indígena em formação tem como perspectiva e o que a sua comunidade e seu povo espera? Com isso, nos faz refletir sobre como uma instituição educacional pode mediar os conflitos de interesses existentes na formação e contribuir de forma a superá-los, além de atender seus próprios objetivos.

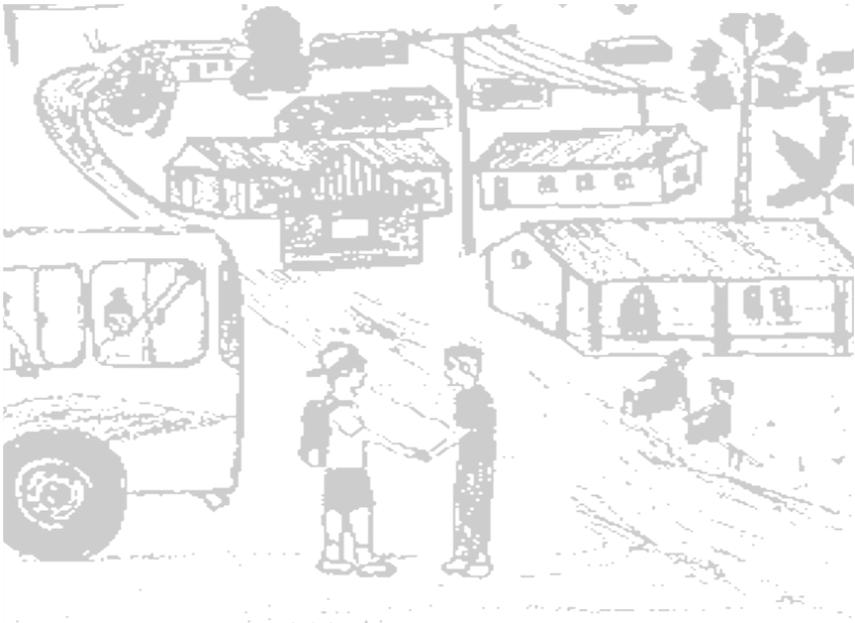
Portanto, o aprofundamento na leitura levará você a um mundo novo de conhecimentos cultural e intercultural, onde os saberes técnicos se imbricam com os saberes indígenas, onde as percepções dos estudantes estão em processo de construção e reconstrução e as práticas culturais coadunam o mesmo, construindo uma singularidade no ensino e na aprendizagem de jovens indígenas na Educação Profissional e Tecnológica.

Assim, é uma honra preambular esse livro pela admiração que tenho pelo trabalho desenvolvido com

toda sensibilidade pela Maria Aparecida, em conjunto com os estudantes indígenas, no qual eu convido você a mergulhar agora nas profundezas do mesmo e sair extasiado com esse estudo inovador e com as possibilidades por ele apresentado.

Pierlangela Nascimento da Cunha-  
Wapichana

*Foi Coordenadora da Organização dos Professores Indígenas de Roraima - OPIRR. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR, licenciada pelo Instituto Inskiran/UFRR e mestre pelo Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM.*





# APRESENTAÇÃO

O conteúdo deste livro foi elaborado a partir de revisões bibliográficas e conhecimentos tradicionais e técnicos dos estudantes Macuxi do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima *Campus Amajari*. Estes estudantes são moradores das comunidades do Contão, Cantagalo e Surumu, pertencentes ao município de Pacaraima; Placa e Olho D'água, que fazem parte do município de Normandia e São Luiz, abrangida pelo município de Uiramutã – todos no estado de Roraima. Aqui cabe ressaltar que, apesar da turma ter sido formada com alguns membros de comunidades adjacentes à do Contão, os estudantes se identificam como a turma do Contão.

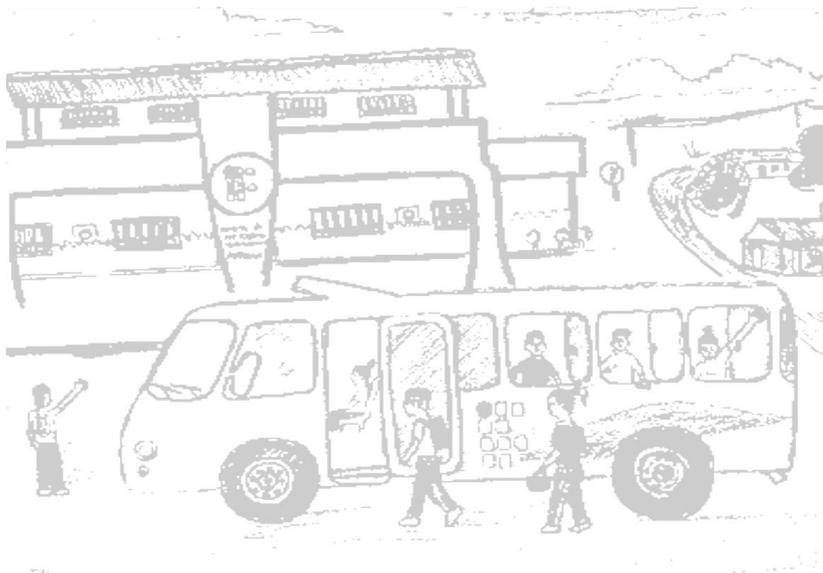
Os dados construídos e apresentados neste livro foram norteados pelo seguinte objetivo: “compreender

o processo como os indígenas constroem o conhecimento e dialogam os saberes indígenas e não indígena no processo de ensino-aprendizagem no curso Técnico em Agropecuária”. E com isso dar visibilidade aos saberes tradicionais adquiridos na vivência do dia a dia com seus povos, bem como aos processos próprios de aprendizagem, cultivo/produção de alimentos e costumes. Aproximando tudo isso aos conhecimentos já consolidados, ministrados na execução do curso técnico.

As publicações no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) – ofertada a estudantes indígenas – ainda são muito deficientes frente à expansão dessa modalidade de educação. Por isso, longe de oferecer algo conclusivo, esta obra surge para possibilitar que, ao se valorizar os saberes indígenas, o processo de ensino-aprendizagem torne-se mais dialógico e enriquecedor do ponto de vista cultural e técnico, e quem sabe inspirar outros trabalhos acadêmicos e dar visibilidades aos conhecimentos tradicionais de estudantes indígenas em outros *campi* da Rede Federal. Vale ressaltar que, ao longo desta obra, algumas citações aparecem sem

referências bibliográficas, estas são falas dos estudantes obtidas durante as rodas de conversa.

Para além dos estudantes e docentes do Instituto Federal de Roraima, *Campus Amajari*, desejo que o conteúdo desta obra seja frutífero para acadêmicos, professores e pesquisadores indígenas e não indígenas, sobretudo para aqueles interessados em exercitar a alteridade em relação aos estudantes indígenas que fazem parte da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).



# 1

## HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS ESTUDANTES MACUXI

Um recorte dos espaços e práticas culturais na comunidade do Contão, município de Pacaraima-RR.

## 1.1 BREVE HISTÓRICO DO POVO MACUXI

A importância de trazer um breve histórico do povo Macuxi se dá pelo fato de que os estudantes que colaboraram com a pesquisa são pertencentes a essa etnia. Ao expor brevemente a história macuxi, tomamos como principal referência os trabalhos de Nádia Farage (1991), Paulo Santilli (1989) e Raimundo Nascimento (2017) – sem com isso abrir mão de outras fontes que tivemos contato durante a construção deste trabalho, especialmente os relatos dos estudantes.

No Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população indígena é composta por 896,9 mil pessoas, de 305 diferentes etnias que falam 274 idiomas. À época do senso do IBGE, haviam 505 terras indígenas identificadas, sendo que a terra com maior população indígena (25,7 mil) era a Yanomami, localizada nos estados do Amazonas e Roraima.

Localizado na região norte do Brasil, Roraima é um estado pequeno, que possui apenas 15 municípios e sua população total é de 450.479 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,

2010). Sua população é formada por uma grande diversidade cultural, o que inclui migrantes de todos os estados da federação e populações indígenas. Os Indígenas, segundo Nascimento:

Representam cerca de 12% da população do estado e são pertencentes a quatro famílias linguísticas, a saber: karib, tupi, aruak e yanomâmi, estando divididos em 10 povos, sendo eles; Macuxi, Wapixana, Sapará, Taurepang, Ingarikó, Patamona, Wai-Wai, Waimiri-Atroari, Yekuana e Yanomami. Habitantes em 32 terras indígenas que juntas representam 46,24% do total da área do estado, sendo que as maiores são a Terra Indígena Yanomâmi, que abriga os povos Yanomami e Yekuana, e a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, habitada pelos povos Macuxi, Wapixana, Taurepang, Patamona e Ingarikó (NASCIMENTO, 2017, p. 121).

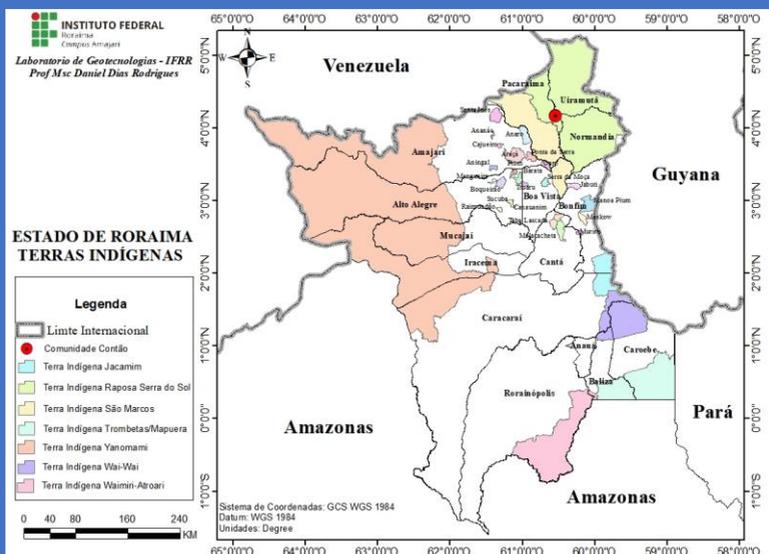
Os dados do censo demográfico de 2010, realizado pelo IBGE, mostram ainda que a população indígena do estado de Roraima é de 55.922 indígenas, sendo que desse total 46.505 vivem em terras indígenas.

Atualmente, pesquisas mais recente apontam que “A distribuição espacial da população Macuxi faz-se em várias aldeias e pequenas habitações isoladas. Estima-se que existam hoje 140 aldeias Macuxi no Brasil”

(NASCIMENTO, 2017, p 139). E segundo dados do Sistema de Informação de Atenção a Saúde Indígena (SIASI) e da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), ano 2014, estes somam 33.603 pessoas<sup>1</sup>. E sua distribuição em área brasileira ocorre em três grandes aglomerações – todas no estado de Roraima, quais sejam:

O território Macuxi em área brasileira hoje está recortado em três grandes blocos territoriais: a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Terra Indígena São Marcos, ambas concentrando a grande maioria da população, e oito pequenas áreas que circunscrevem aldeias isoladas no extremo noroeste do território Macuxi, nos vales dos rios Uraricoera, Amajari e Cauamé. Dessas áreas, a mais populosa é a Terra Indígena Raposa Serra do Sol (NASCIMENTO, 2017, p. 139).

Para melhor compreensão da localização dessas Terras Indígenas (TI), vejamos o mapa a seguir.



## Mapa das terras indígenas do Estado de Roraima

O contato entre brancos e indígenas no estado de Roraima, antigo Território do Rio Branco, se faz presente desde o século XVIII quando da chegada dos missionários Carmelitas na região e, posteriormente, no século XIX, quando da disputa territorial entre o Império brasileiro e a Coroa inglesa pelo domínio da localidade, tendo como pivô da contenda os povos indígenas residentes (FARAGE, 1991). Na década de 1870, século XVIII, os portugueses utilizaram a tática do aldeamento dos indígenas para garantir a posse das terras. E dentre

as diversas etnias então aldeadas, os Macuxi aparecem em pequena quantidade e permanece por pouco tempo no povoado (SANTILLI, 1989).

Os Macuxi, povo de filiação linguística Carib, habitavam as regiões da Guiana e norte do Brasil. Eles viviam nos campos e serras de parte do estado de Roraima (FARAGE, 1991).

A designação *macuxi* contrasta com as dos povos vizinhos – os Taurepang, os Arecuana e os Kamarakoto – também falantes de língua pertencente à família Carib e muito próximos, social e culturalmente, dos Macuxi. Porém, considerados conjuntamente, formam uma unidade étnica mais abrangente, os Pemon, termo que, por sua vez, se contrapõe a Kapon, designação que engloba os Arakaio – conhecidos em área brasileira pela designação Ingarikó – e os Patamona, seus vizinhos ao norte e nordeste, respectivamente. O conjunto dessas designações étnicas e os diversos níveis contrastivos que estabelecem, nominando as distinções e especificidades reconhecidas em e por cada grupo, formam um sistema de identidades que singulariza estes grupos diante dos outros povos indígenas na região “*circum-Roraima*” (SANTILLI, 1981, p. 1).

Na parte nordeste de Roraima, os Macuxi têm como moradores próximos os Ingarikó e os Taurepang, povos também de língua Carib, e os Wapixana, de filiação linguística Arawak. Estes simbolizam os que restaram de uma pluralidade étnica numerosa anotada no começo da ocupação colonial nesta região, no século XVIII (SANTILLI, 1981).

Desde a ocupação colonial no século XVIII, os Macuxi viveram diversos conflitos com outros habitantes, em sua maior parte relacionados à posse de terras originárias que haviam sido invadidas. Santilli (1989) verificou que as áreas indígenas, ao tremor da legislação indigenista vigente no país, encontravam-se invadidas por fazendeiros, pequenos posseiros e ainda por garimpeiros. Santilli ressalta, ainda, que para se ter uma ideia das dimensões atingidas por tal invasão das terras Macuxi já reconhecida oficialmente, a Área Indígena (AI) Raposa/Serra do Sol, área essa mais extensa, que abrangia cerca de 2.000.000 ha, existiam trezentas e trinta fazendas e um número inestimável de garimpos. Este levantamento foi realizado pelo grupo de trabalho interministerial para Identificação da Área Indígena Raposa/Serra do Sol .

Atualmente, em Roraima, alguns conflitos têm ganhado fôlego, e a luta destes povos têm ganhado força desde o início dos confrontos gerados pela demarcação de Terras Indígenas, que culminou com a homologação em 2005 da região – conhecida hoje como Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Esta região abrange os municípios de Normandia, Pacaraima e Uiramutã, onde predomina a presença dos índios Macuxi, uma região cuja paisagem é caracterizada pela presença das Serras do Norte do país.

Retornando a ocupação colonial no século XVIII, Farage (1991) relata que entre os Macuxi a relação de afeto era marcada de forma desigual na construção familiar, pois além dos casamentos acontecerem entre os próprios parentes, o rapaz devia a prestação de serviços ao pai da moça. Essa relação acontecia devido o que eles denominavam de “uxorilocalidade”, que segundo o dicionário que dizer costume institucionalizado segundo o qual, após o matrimônio, os cônjuges vão morar na casa da mulher. Verificadas nas sociedades dessa região, residência e parentesco eram instâncias associadas que, articuladas, davam origem à chefia. Com isso, os Macuxi organizavam-se em torno da figura de um líder-sogro, de cuja habilidade

política na manipulação dos laços de parentesco dependia sua existência. Com a perda de sua influência ou sua morte, o grupo local tendia a tomar outras formas ou desfazer-se.

Outros dados particulares sobre o convívio dos povos Macuxi surgem no começo do século XIX. Santilli (1989, p. 92) relata que “várias aldeias Macuxi eram constituídas por uma única grande casa comunal, ou ainda, por um conjunto de casas, onde viviam cerca de trinta a sessenta pessoas”. Hoje em dia essa prática se mantém na maioria das comunidades indígenas, e tem como representante/líder a figura do Tuxaua.

O clima na região habitada pelos Macuxi, assim como em todo o estado de Roraima, é marcado por um rigoroso regime de chuvas e duas estações bem definidas: inverno, com chuvas concentradas de maio a setembro, e verão, alternado de seca, com estiagem prolongada de novembro a março.

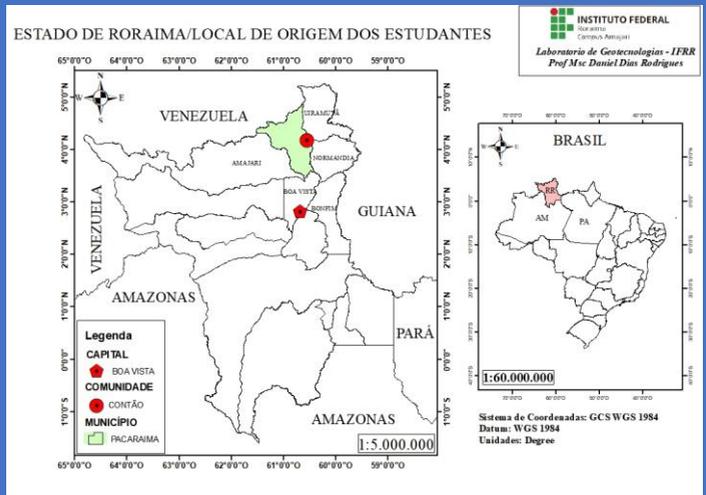
Os Macuxi praticam a agricultura de coivara, que “consiste em derrubar pequeno trecho de mata, separação e secagem da mata derrubada e queima, para que, no início do período chuvoso se inicie o plantio<sup>2</sup>”. Cultivando basicamente mandioca, milho, cará, batata-doce, banana, melancia, ananás, entre

outros gêneros em menor proporção, que variam a cada aldeia. A derrubada da mata, a queima da área e o plantio são tarefas realizadas pelos homens. A partir disso, cabe sobretudo às mulheres manter a roça limpa e proceder à colheita, bem como preparar os alimentos. Os homens se ocupam de trazer a caça, pesca e frutos silvestres, empreendendo expedições de exploração econômica – muito além dos limites da aldeia<sup>3</sup>.

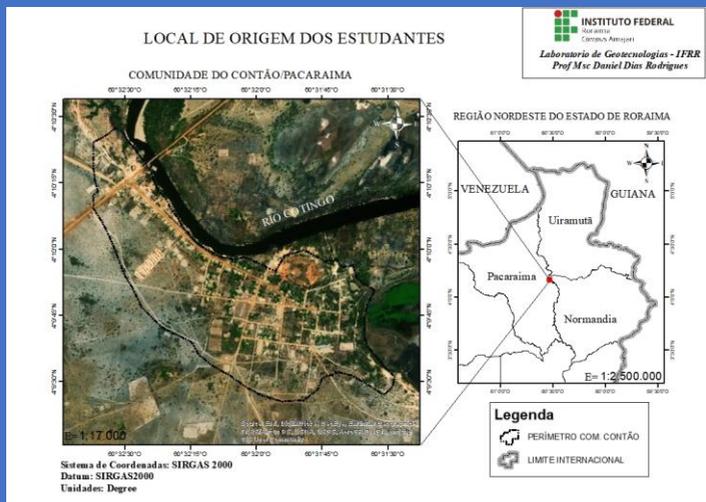
## 1.2 RECORTE DOS ESPAÇOS E PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DO CONTÃO

Durante o percurso da pesquisa os estudantes se viram motivados a delinear os lugares existentes em sua comunidade, como também contar as práticas culturais realizadas pelos moradores. Esse recorte – espaços e práticas culturais – demonstrará ao leitor um pouco da realidade vivida por esses estudantes em seu cotidiano.

Os mapas a seguir mostram a localização da comunidade Contão no Município de Pacaraima Estado de Roraima.



## Estado de Roraima/ Estado de origem dos estudantes



## Comunidade do Contão

O município de Pacaraima, onde está localizado a comunidade do Contão, faz fronteira com a Venezuela e fica a 214 km da capital Boa Vista/RR. A sede do município localiza-se no interior da T.I. São Marcos. Atualmente existe uma ação para o desmembramento da sede do município da respectiva terra indígena. A maioria da população do município é indígena e mora em comunidades, muitas delas visíveis ao longo da BR-174.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, o município de Pacaraima possuía uma população de 10.433 habitantes, sendo que 5.919 viviam no centro urbano de Pacaraima, as duas outras localidades que apresentaram maiores concentrações de pessoas, à época do censo, foram as comunidades indígenas de Surumu e Contão, localizadas respectivamente ao sul e sudeste do território.

Na organização espacial, o município possui além da sede urbana, 55 comunidades indígenas organizadas em duas regiões: Surumu e São Marcos. A maior é a do Contão com 1.055 moradores, as demais apresentam uma população que varia de 20 a 250 habitantes<sup>4</sup>. Segundo os estudantes, esse número se deve ao fato de

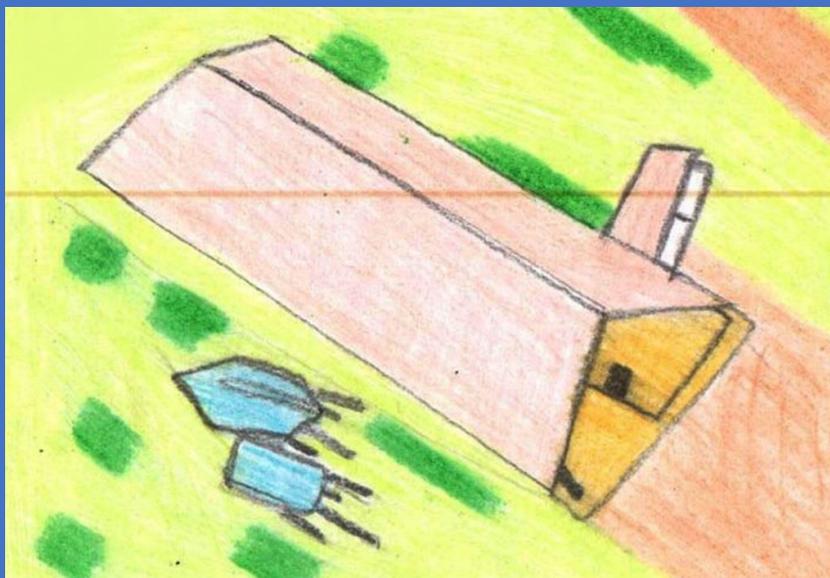
a comunidade acolher, com “respeito e bom coração”, pessoas de outros lugares.

O Contão, liderado pelo primeiro e segundo Tuxaua, possui estruturas mínimas para a população, tais como posto de saúde, escola, igreja, prado (local apropriado para corridas de cavalos), entre outras construções, que servem à população em geral. Durante a pesquisa, os estudantes, além de descreverem as experiências vivenciadas no Campus Amajari, quiseram também apresentar a organização dos espaços e práticas culturais da localidade onde residem.

A ideia de trazermos um recorte da organização dos espaços presente no lugar em que moram os estudantes participantes da pesquisa se dá pelo fato de que considerarmos a influência das adversidades sociais existentes no dia a dia das comunidades indígenas, bem como conhecer a organização espacial e sociocultural desses alunos pode contribuir significativamente na prática pedagógica. E partindo dessa realidade, pode-se, compreendê-los dentro do processo de ensino-aprendizagem que a instituição tem se colocado a oferecer.



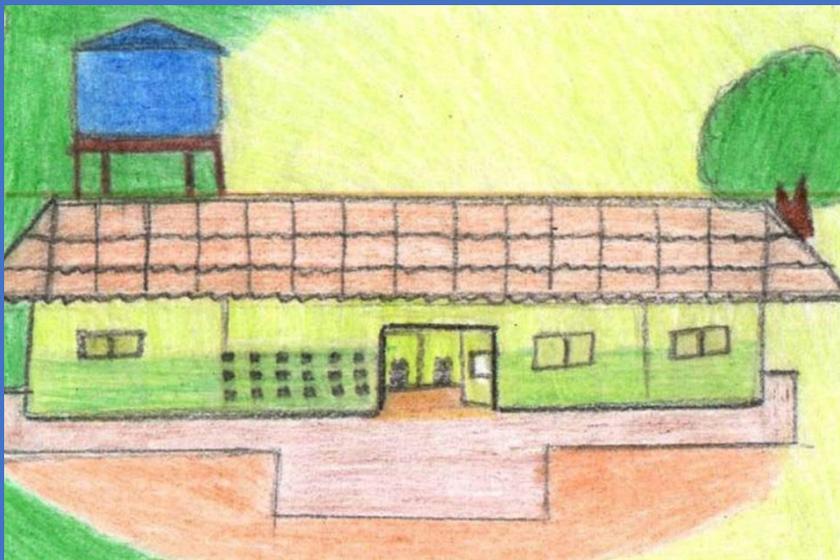
**Visão geral das construções existentes na comunidade do Contão/** Ilustração feita por Isaelen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.



**Granja comunitária/** Ilustração feita por Isellen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

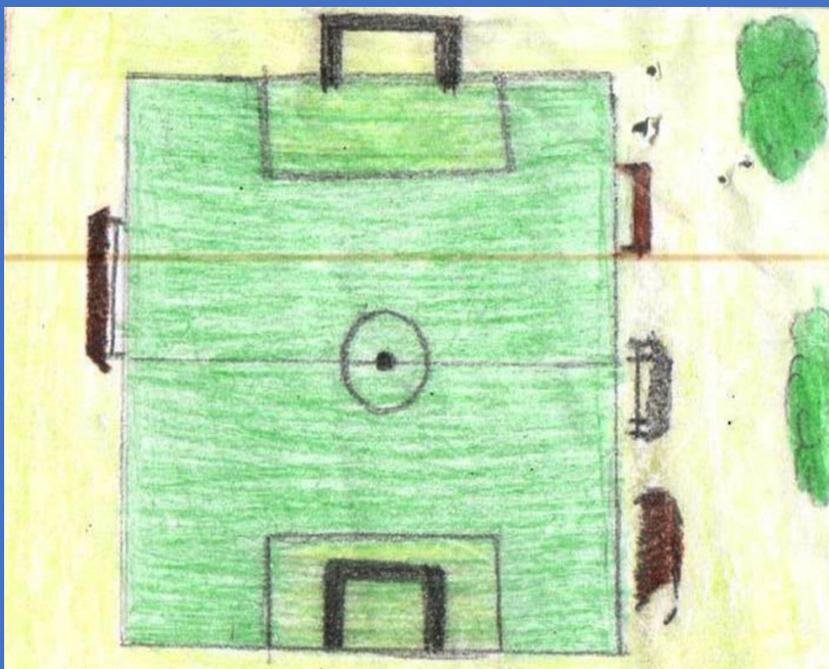
No centro da Vila do Contão está localizada uma granja. Essa construção foi um projeto de avicultura que a comunidade recebeu com objetivo de produzir, aumentar e manter os próprios moradores, com produção de carne e ovos de galinha caipira. Porém, o projeto não prosperou. Algumas famílias até tentaram dar continuidade por um determinado tempo, mas também pararam. Atualmente, a granja tem funcionado

como depósito de maquinários e também tem servido de casa de apoio aos amigos de outras regiões em época de festejo.



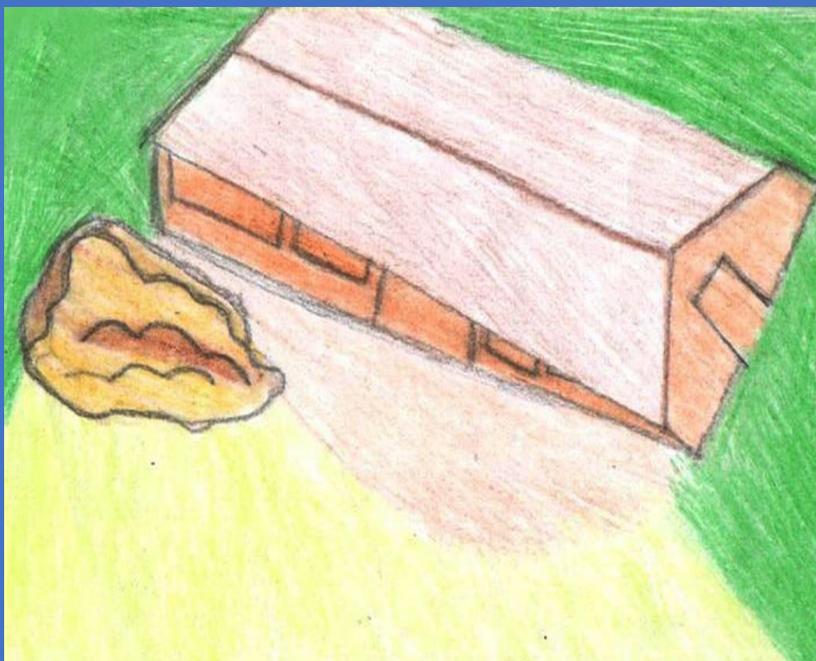
**Posto de Saúde/** Ilustração feita por Isellen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

A comunidade possui apenas um posto de saúde. Este tem o objetivo de atender os moradores contribuindo com a saúde do povo indígena, como também acolher pessoas de outras regiões.



**Campo de Futebol/** Ilustração feita por Isellen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/*Campus* Amajari, 2019.

O campo de futebol é o principal ponto de encontro dos moradores locais e das comunidades adjacentes. Está localizado no centro do lugarejo. O campo atrai pessoas de outras localidades em tempos de festejos organizados internamente.



**Malocão Ambrósio Ramos/** Ilustração feita por Isaellen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

Malocão é um espaço comunitário utilizado pelos povos indígenas na região amazônica e especificamente em Roraima. Cada povo tem sua própria estrutura de maloca, com características únicas que ajudam a distinguir um povo do outro.

O termo maloca é conhecido pelos povos Macuxi como uma casa grande (espaço em que se reúnem para realizar diversas atividades como: almoço comunitário, festas, reuniões e outros eventos de interesse comunitário).

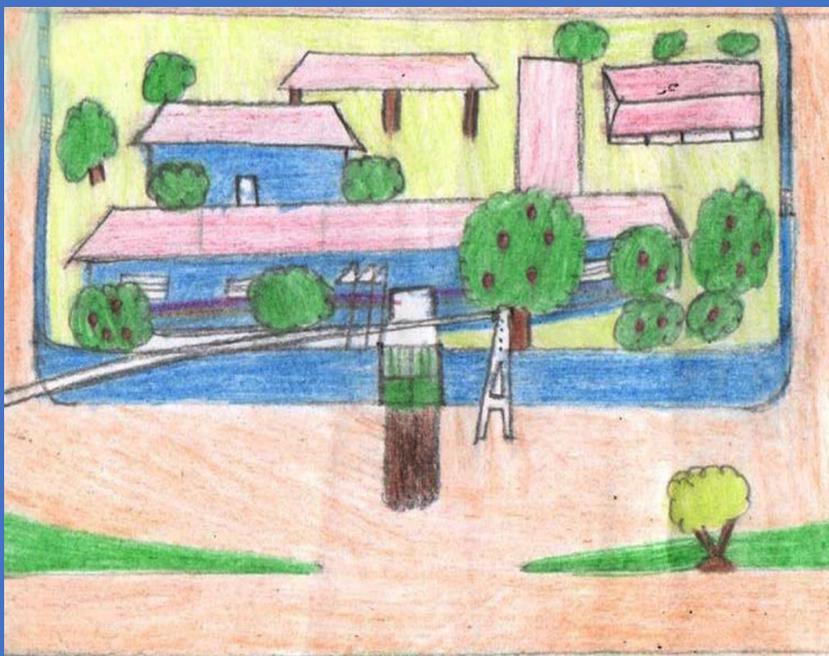
O malocão **Ambrósio Ramos** foi construído recentemente no centro da comunidade do Contão para atender melhor a população quando precisar. Costuma ser utilizado nas reuniões comunitárias, palestras e outros eventos que envolvem a população em geral.

Antigamente, realizavam as atividades coletivas embaixo de uma estrutura coberta com palhas de buriti. Também utilizavam as sombras de uma mangueira, que ficava no centro do local para atender as pessoas nas reuniões e outros eventos promovidos pelas lideranças. Hoje, tanto o malocão coberto de palha como a árvore não existem mais.



**Igreja Batista Regular Betel/** Ilustração feita por Isaelen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

A Igreja Batista Regular Betel, no Contão, é a maior de todas as construções existentes. Ela, a igreja, “é responsável por manter a comunidade firme na fé durante anos, acolhendo pessoas de outras regiões aproximando mais as pessoas para a salvação eterna, conforme a religião. E todos são bem vindos à igreja Betel”.



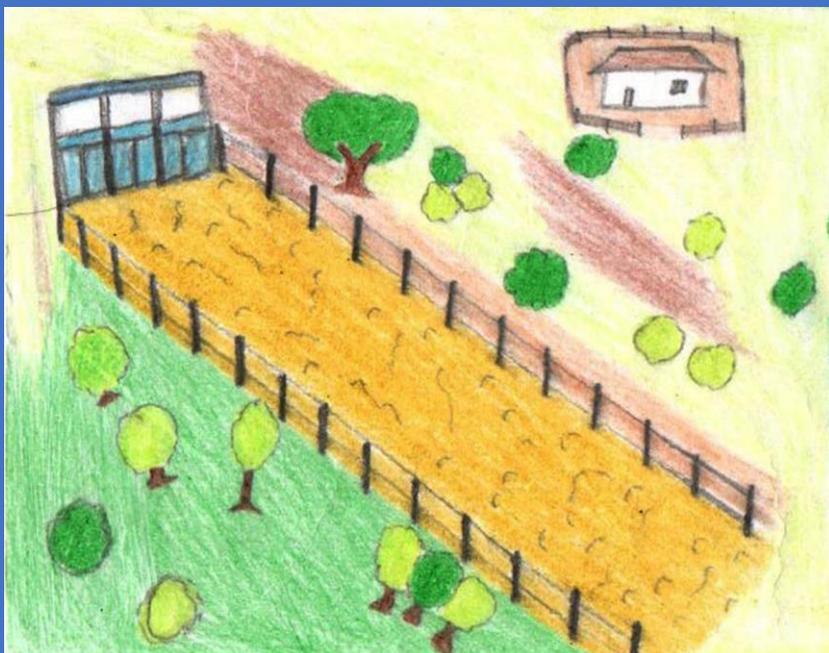
**Escola Estadual Indígena José Marcolino/** Ilustração feita por Isaellen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

Anos atrás, a Escola Estadual Indígena José Marcolino tinha o nome de Fernão Dias. A escola tem acolhido vários professores e alunos da região.

Além disso, acolhe também estudantes que moram em outras comunidades próximas, por ofertar Ensino Fundamental, Ensino Médio regular e também a

Educação de Jovens e Adultos (EJA). As regiões vizinhas possuem escolas que oferecem apenas o Ensino Fundamental.

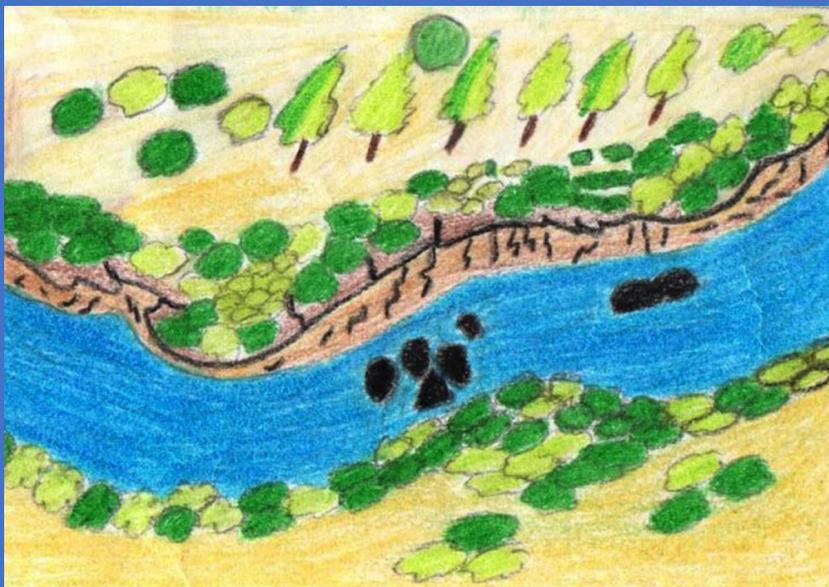
Quando os estudantes terminam o ensino fundamental, a opção mais próxima de continuar os estudos é ir para escola Estadual Indígena José Marcolino. “A escola já formou vários alunos e poucos deles buscaram ingressar na faculdade. Aqueles que conseguiram continuar os estudos, hoje são profissionais na área da saúde e alguns professores”.



**Prado Nicodemos Ramos/** Ilustração feita por Isaellen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

Prado Nicodemos Ramos é um local que os moradores dispõem para promover rodeios e outros eventos comemorativos. Pela prática das atividades realizadas, o local costuma atrair muitas pessoas. Sendo o lugar responsável por proporcionar momentos de lazer entres os adeptos de corridas de cavalo. E com essa prática, o local costuma funcionar quase todos os

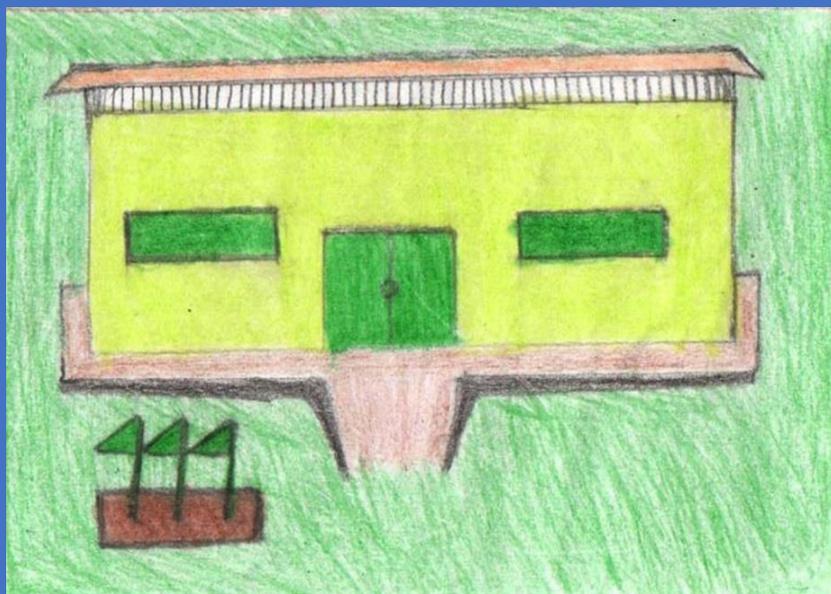
dias. E, em dias de rodeio, fica em funcionamento até aproximadamente às 23h.



Rio Cotingo/ Ilustração feita por Isaelen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

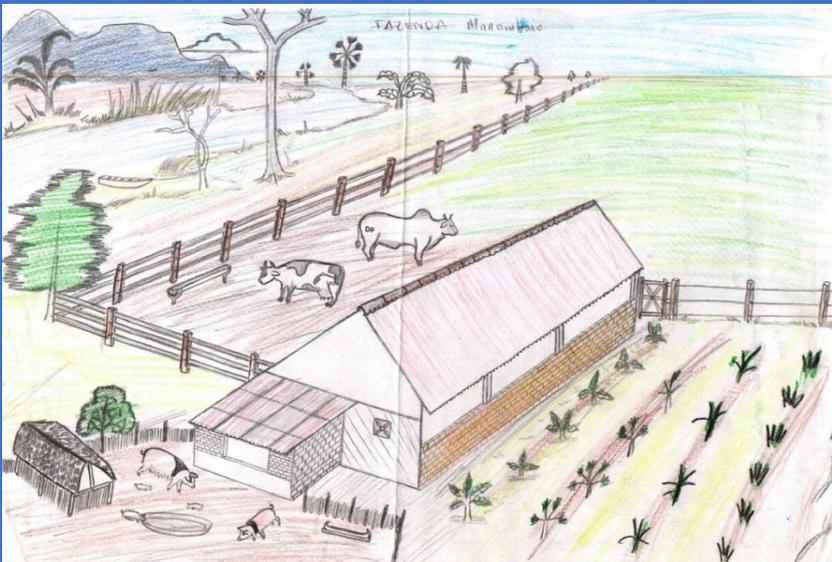
O Contão ainda tem o privilégio de ser banhado pelo Rio Cotingo, que é um cartão postal para quem visita ou passa pela comunidade. O Rio faz divisa entre o município de Pacaraima, Uiramutã e Normandia. De acordo com os estudantes, o Rio “também colabora

bastante com a população, com suas águas cristalinas saciando a sede e também sendo muito utilizado para refrescar o corpo quando falta energia, pois o povo corre tudo para a beira desse rio, principalmente aqueles que não têm poço fixo em casa”. Ele também ajuda na agricultura familiar, fornecendo água para a produção de alimentos.



Escola Municipal Melinda da Silva Marcolino/ Ilustração feita por Isaelen P. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

No centro da comunidade, também está localizada a Escola Municipal Melinda da Silva Marcolino. Segundo os estudantes, “a escola acolhe a população e ajuda muito na educação dos filhos, irmãos e amigos para que eles sejam os futuros doutores e profissionais da comunidade ao longo das gerações”.



**Fazenda Comunitária/** Ilustração feita por Evaldo S. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019

Ainda segundo os estudantes, há uma fazenda Comunitária com criação de animais: bovinos, suínos, equinos e aves. A fazenda possui aproximadamente 35 hectares de terra. O funcionamento é chefiado pelo Tuxaua e alguns membros da localidade.

Para cuidar deste lugar, é nomeado um responsável escolhido pelos moradores. Sua função é tomar conta dos animais e inspecionar a cerca para manter a segurança destes. E, para manter-se, recebe mantimento da comunidade tanto para sua subsistência como para alimentar as criações.

Na fazenda, também existem áreas apropriadas para produção de fruticultura e hortaliças para consumo, mas isso depende do esforço e trabalho do encarregado. O período de permanência do caseiro é de, no máximo, quatro a cinco anos e se os membros da comunidade permitirem continua por mais tempo – que, nesse caso, depende também de sua vontade. No fim do trabalho desenvolvido, é feito a divisão (em cinquenta por cento) de todos os animais nascidos no período em que o caseiro esteve responsável pela fazenda – essa partilha é feita como forma de pagamento pelo tempo dedicado às atividades na fazenda.

Os estudantes ressaltam, ainda, que além dos locais aqui ilustrados, a comunidade do Contão possui mercados, oficinas para moto e carro e conta também com uma pista para pouso de aviões de pequeno porte.

Até aqui apresentamos alguns espaços disponíveis para cuidar da saúde, educação e lazer dos moradores. Agora descreveremos alguns eventos que a comunidade costuma promover ao longo do ano.

É tradição todo ano a promoção de eventos em comemoração ao dia das mães, dia dos pais, festejo da independência do Brasil, dia das crianças e também em cerimônias de formaturas.

Para organizá-los, todo início de ano acontecem as assembleias onde se decide conjuntamente o calendário e os responsáveis por tais eventos. É costume o oferecimento de almoço grátis a todos os participantes e também são realizadas brincadeiras, como: futebol, futsal tanto masculino como feminino – com objetivo de integrar todas as pessoas presente.

Dentre os eventos aqui mencionados o principal é o festejo. “Festejo para a comunidade indígena do Contão é diferente de festa. Esta, segundo relatos dos mais velhos aos estudantes, aconteciam antigamente na época em que os moradores não conheciam a palavra

de Deus (o evangelho) e costumava durar noites e dias. Hoje em dia não promovem mais, pois envolvem danças, bebidas alcoólicas.

O hábito de se reunirem coletivamente para dançar e beber bebidas alcoólicas foram deixados para trás, pois a evangelização realizada pela Igreja Batista Regular Betel, no Contão, dominou toda a comunidade fazendo com que mesmo aqueles que não frequentam a igreja respeitem os preceitos recomendados pelos líderes religiosos. Já o festejo, envolve competições e diversas brincadeiras, que – além de promover diversão e lazer – possuem um fim social”.

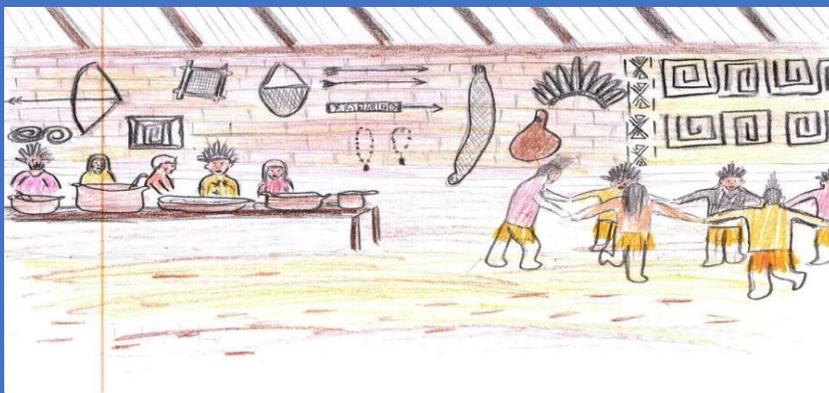
É costume organizar um festejo em comemoração à independência do Brasil, pois este envolve toda a comunidade local e as adjacentes. O Tuxaua enquanto líder providencia convites e envia às vizinhanças informando que haverá: corridas de cavalos, rodeio, futebol de campo, soçaite ou society e atletismo.

As premiações costumam atrair pessoas de várias regiões. O valor das premiações é determinado a partir do total de times que participam de cada modalidade. O festejo, além de promover um momento de distração e socialização dos participantes, contribui

financeiramente com a comunidade, pois cada time precisa pagar uma taxa de inscrição para participar.

Do montante arrecadado, dez por cento é destinado para a construção de ações que contribuam para a melhoria da comunidade com um todo. No último festejo promovido em 2018, com o valor destinado foi construído um malocão com cozinha de uso coletivo.

Outro festejo de peso é a comemoração do dia do índio. Este é realizado anualmente e, nesse período, são promovidas diversas atividades envolvendo adultos, crianças e jovens. A culinária apresentada no evento tem forte presença de animais selvagens, que são caçados pelos próprios participantes, tais como porco-do-mato, paca, tatu, jabuti, anta, veado, capivara, dentre outros. Também ocorre exposição de artesanatos confeccionados nas aldeias.

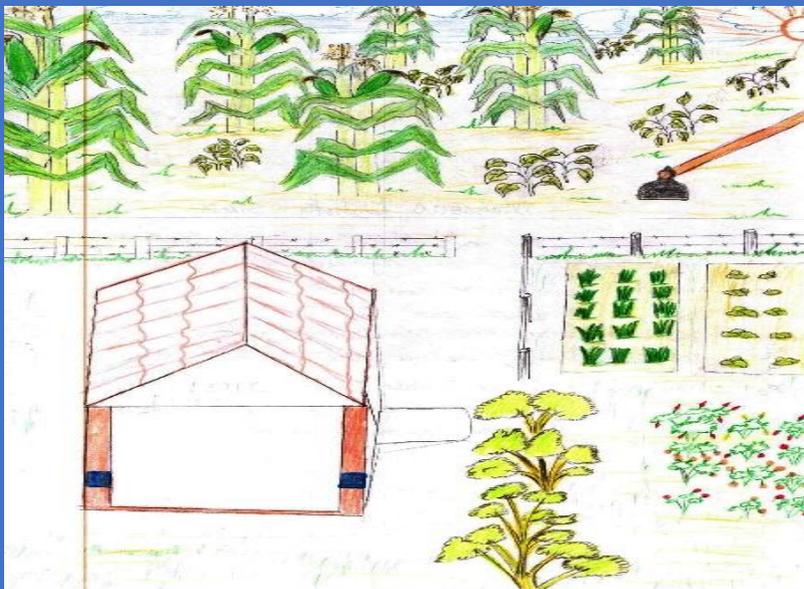


**Evento comemoração ao dia do índio/** Ilustração feita por Evaldo S. Ramos, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

Ainda sobre os eventos, é tradição celebrar a Semana Santa Comunitária. A organização costuma acontecer uma semana antes do período religioso. O Tuxaua como líder reúne os homens para em conjunto organizarem a pescaria coletiva. O objetivo é armazenar alimentos (peixes) para serem consumidos na semana religiosa (Semana Santa).

Nessa reunião, são decididos quais e quantos membros irão participar da pescaria coletiva e para onde cada grupo irá se dirigir. Após essa decisão, todos os escolhidos se reúnem e partem para o local

escolhido. Os peixes são compartilhados com todos nos almoços e jantares coletivos durante a semana religiosa.



**Cultivo das famílias/** Ilustração feita por Marcelo B. Simão, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019

Além da prática da caça e pesca, as famílias costumam cultivar algumas culturas para subsistência dos próprios membros. Esses cultivos são feitos em forma de consórcio, ou seja, duas culturas são

cultivadas ao mesmo tempo como é ilustrado na figura ao lado. Os alimentos mais lavrados são milho, feijão e mandioca. Esta serve para fazer farinha, beiju e tirar o tucupi como também fazer o caxiri. Os excedentes da produção são vendidos para as escolas e para comunidade.

As sementes das leguminosas são da própria região, com elas é feita uma trajetória rotativa fazendo com que as sementes fiquem crioulas<sup>6</sup> ou típicas do próprio território. A trajetória rotativa consistem em uma seleção criteriosa das melhores sementes conforme a variedade de cada cultura. Essa escolha faz com que essas sementes apresentem particularidades da região.

## VALE A PENA CONSTAR

O **beiju** de mandioca é uma iguaria indígena feito a partir da massa de mandioca ralada e peneirada. Ou seja, para esse prato específico, é utilizada a mandioca toda moída e não apenas a fécula, amido extraído da batata da mandioca sob a



forma de farinha, o que também torna o beiju muito rico em celulose, que ativa os movimentos intestinais. O modo de preparo também é um diferencial. O beiju de mandioca é preparado no forno de fazer farinha e isso faz com que o seu tamanho seja distinto do beiju de tapioca presente em diversas regiões do Brasil.



O **tucupi** é um ingrediente indígena extraído da raiz da [mandioca](#) brava quando descascada, ralada e espremida (tradicionalmente usando-se um [tipiti?](#)). Depois de extraído, o caldo [amarelo](#) "descansa" para que o [amido](#) (goma) se separe do líquido (tucupi). Inicialmente venenoso devido à presença do [ácido cianídrico](#), o líquido é cozido (processo que elimina o veneno) e fermentado de 3 a 5 dias para, então, ser usado como molho na [culinária](#).

O **caxiri** – bebida milenar dos povos indígenas – possui teor alcoólico e é feito à base de mandioca. A produção é manual, mas rica em rituais durante o processo de produção – portanto, é um elemento cultural. O caxiri é oferecido como sinal de boas-

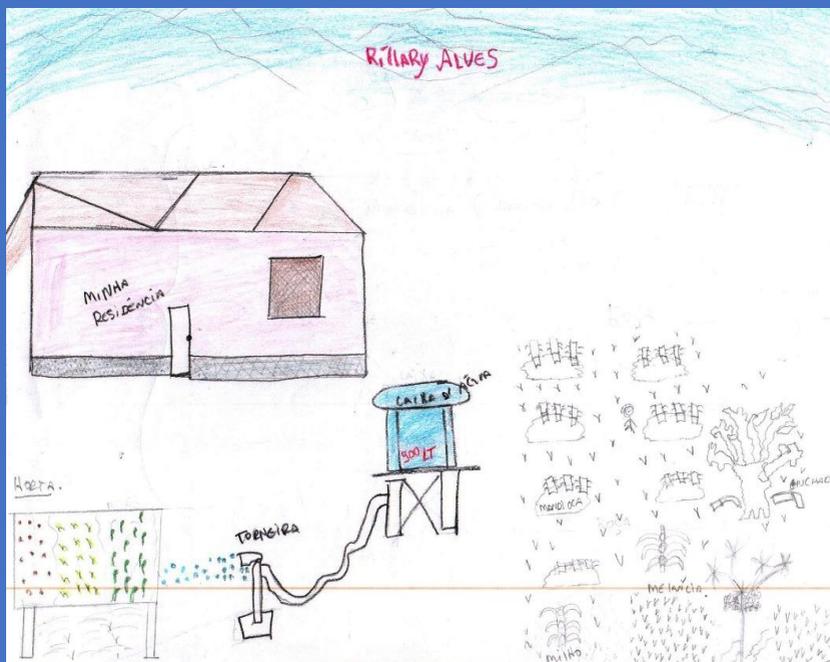


vindas aos visitantes da comunidade. Os mais antigos contam que a bebida surgiu como um alimento para dar força para a pesca e caça. Na tradição indígena, apenas as mulheres podem fazer o caxiri. O teor alcoólico da bebida depende do tempo de fermentação. Antes, o caxiri se destinava apenas ao consumo dos indígenas, mas agora a bebida passou a ser comercializada<sup>8</sup>.



**Cauim**, nome vem do tupi (kaüí), é uma bebida feita da mandioca ou do milho a partir da fermentação e é produzido pelas as mulheres<sup>9</sup>, que são responsáveis por mastigar a mandioca cozida e devolvê-la

para potes de cerâmica, onde ficam por alguns dias. As enzimas presentes na saliva fermentam o conteúdo dos potes e os transformam numa bebida leve, com pouco teor alcoólico, quase uma cerveja.



**Horta Doméstica/** Ilustração feita por Rillary Alves, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

Outra forma de cultivo são as hortas domésticas em que as famílias costumam plantar alface, cebolinha e tomate para consumo próprio. As hortas recebem instalações de irrigação feitas pelos proprietários de cada residência.

As informações construídas neste primeiro capítulo, além de demonstrar os espaços onde vivem os estudantes indígenas que colaboraram com a pesquisa, visam uma reflexão sobre o modo de ser e viver desses estudantes. Na prática educativa conhecer a realidade dos alunos e o mundo em que vivem, pode favorecer a construção de diálogos no processo de ensino e aprendizagem. Isso por que “todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto; aprendizagem é relação com o contexto” (GADOTTI, 2003, P. 48). Sendo assim, para o professor que busca ensinar com excelência, é necessário compreender, além da matéria, as circunstâncias, além do assunto, o significado do assunto, que é dado pelo ambiente social, político e econômico (GADOTTI, 2003).

# 2

PERCEPÇÕES DOS  
ESTUDANTES  
INDÍGENAS DO  
CURSO TÉCNICO EM  
AGROPECUÁRIA  
INTEGRADO AO  
ENSINO MÉDIO EM  
REGIME DE  
ALTERNÂNCIA  
SOBRE A EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA

## Instituto Federal de Roraima- Campus Amajari

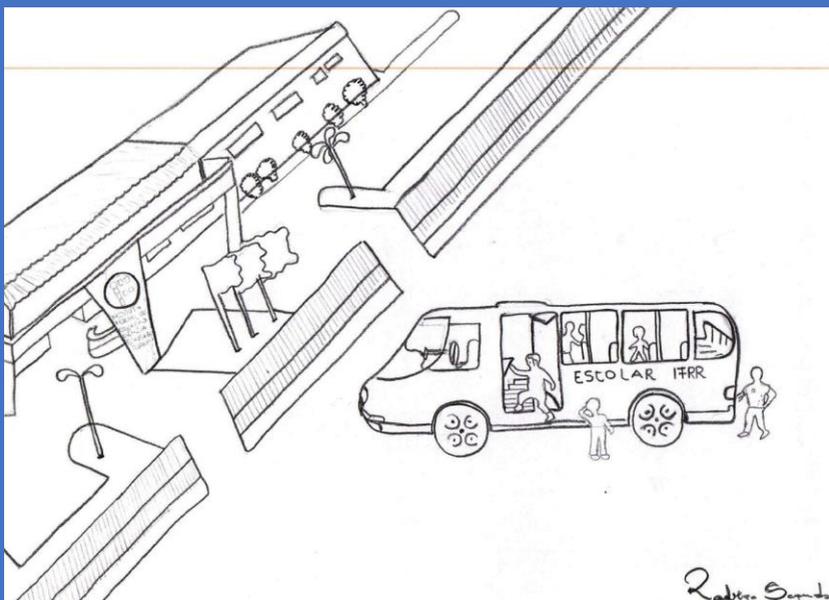


Ilustração feita por Rodrigo R. Segundo, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

As percepções dos estudantes indígenas, registradas neste livro, foram manifestadas no decorrer das rodas de conversa realizadas durante a pesquisa. O diálogo com o grupo sobre a Educação Profissional e Tecnológica e as relações internas e externas ao grupo mostrou algumas barreiras significativas enfrentadas

pelos estudantes ao longo do curso. Com isso, indagamos se a diversidade cultural seria uma problemática a ser gerida na prática escolar cotidiana em escolas consideradas não indígenas, como é o caso do IFRR *Campus* Amajari, pois entendemos que:

As percepções não são como as sensações, precisamente porque têm um conteúdo, ou uma natureza que remete para fora. Perceber é estar consciente do mundo como algo que é desta ou daquela maneira, e não sofrer uma mera modificação nas sensações. No entanto, este realismo direto tem de poder ser sustentado face aos fatores (neurofisiológicos e outros) indiscutivelmente pessoais que determinam o modo como percebemos (BLACKBURN, 1997 apud MATOS e JARDILINO, 2016).

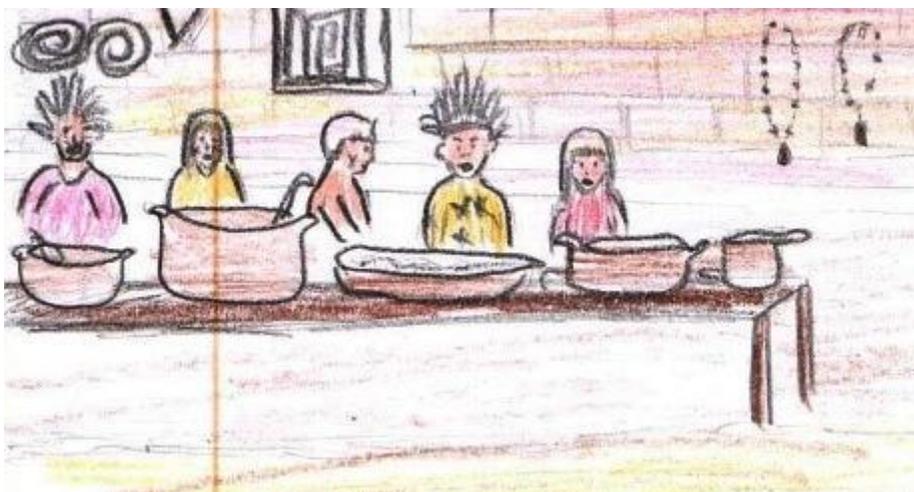
Nesse sentido, os estudantes descreveram como percebem a Educação Profissional e Tecnológica, tendo como base a vivência adquirida nos três anos em que estiveram no IFRR/CAM. Ao chegarem na Instituição, no ano de 2017, os estudantes se depararam com uma realidade bem diferente da que estavam acostumados:

*A convivência foi bastante diferente tanto em sala de aula como no alojamento. No primeiro dia de aula a turma foi bastante comportada, a convivência com outras pessoas nesse primeiro momento foi bem difícil, sofremos muitos preconceitos por sermos de comunidades indígenas, mas no decorrer do tempo vimos que tudo que estávamos sofrendo não era motivo para nenhum desistir do curso. Além do preconceito no primeiro semestre tivemos contato com quinze disciplinas, reclamávamos muito, pois tínhamos muitas dificuldades por que quando estudávamos na escola indígena as coisas eram diferentes, havia apenas nove disciplinas e os professores não eram suficientes além da maioria das vezes não serem professores formados na área que ministravam. Ao chegamos ao Campus tudo mudou e aprendemos bastante coisa, sem falta de professor as aulas sempre foram muito legais, estudávamos a teoria e realizávamos prática em campo, práticas essas em que a turma toda interagia. (IRS)*



Outro estudante relata que:

*A turma iniciou com 31 estudantes. No entanto, por questões financeiras, bullying ou por não aguentar a ausência da família, já que passávamos 15 dias na escola tempo esse chamado de (tempo escola) e 15 dias em casa (tempo comunidade), sete estudantes desistiram logo no primeiro ano do curso. No segundo ano mais dois estudantes desistiram. E em 2019, já no terceiro ano do curso mais dois estudantes desistiram restando atualmente apenas 21 estudantes. (RRS)*



O Instituto Federal de Roraima *campus* Amajari é uma instituição peculiar por atender diversos grupos indígenas que, segundo dados da Coordenação de Registro Acadêmico (CORES), somam quase 60% (sessenta por cento) dos alunos. Entretanto, como visto na fala dos estudantes, apesar de sua forte presença, muitos desses sofreram ou sofrem preconceitos até mesmo por indígenas de outras etnias. Suas falas são reforçadas no trabalho de Oliveira e Lima (2019):

A presença dessas etnias é numerosa, chegando a mais da metade do corpo discente. O *Campus* Amajari possui 440 alunos (as) sendo 240 autodeclarados indígenas. Apesar de serem maioria na instituição, como já foi descrito anteriormente, esses estudantes foram ou são vítimas de preconceito, dentro ou fora da instituição, alimentado na sociedade roraimense pela ideia equivocada que os povos originários impedem o desenvolvimento econômico e social do estado. Assim, alguns desses/as jovens indígenas chegam à instituição pressionados pelos constantes conflitos que enfrentam regularmente e têm dificuldades, se não houver intervenção do *Campus*, para melhorarem sua autoestima. Alguns servidores/as contaminados/as com essas inverdades acabam reproduzindo esse comportamento preconceituoso com relação aos povos indígenas. É necessário salientar que no estado

de Roraima o preconceito institucional é verificado em pesquisa antropológica realizada por Luciana Marinho Mello, onde a autora percebe esse comportamento em instituições como a FUNAI (Fundação nacional do Índio), a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) entre outras (OLIVEIRA e LIMA, 2019, p.317).

Nesse cenário, é preciso facilitar o diálogo na construção de relações interétnicas mais equilibradas, pois a escola precisa ser um local que reflete a vida dos diversos grupos presentes em seu ambiente, proporcionando desta forma um lugar de valorização da alteridade. Assim, a interculturalidade pode ser um caminho – como bem defende Paula (1999, p. 88):

A interculturalidade não está num modelo que prioriza ora os conhecimentos acumulados pela sociedade ocidental, ora os conhecimentos produzidos pelas sociedades indígenas, mas na garantia que a escola pode ser um espaço que reflita a vida dos povos indígenas hoje, com as contradições presentes nas relações entre as diferentes sociedades, com a possibilidade de ser inteiradas nos processos educativos de cada povo.

Além disso, Bergamashi e Gomes (2012, p. 3) ressaltam que “[...] as escolas não-indígenas tenham a mão informações mais dignas, apoiadas em

conhecimentos respeitosos e que sua história e sua cultura sejam efetivadas, mudando as concepções preconceituosas e discriminatórias que predominam até então”. Com isso é importante que o *Campus* promova momentos de discussões sobre interculturalidade e identidade cultural dentro das ações desenvolvidas no decorrer da prática educativa. É importante, porém atentar para o que informam Oliveira e Lima:

Discutir identidade cultural no CAM ainda deixa muitos estudantes indígenas constrangidos ao revelarem sua etnia ou dizerem em qual comunidade nasceram. Intimidados, alguns – mesmo com evidente fenótipo indígena – preferem não se autodeclarar como tais. Essa desconfiança se deve à saída de suas comunidades e à consequente vulnerabilidade a práticas de preconceito nos novos ambientes em que se encontram (OLIVEIRA e LIMA, 2019, p. 318).

Muitos desses preconceitos enraizados se devem a fatores de cunho linguístico, cultural e socioeconômico, em que se encontram muitos estudantes. Alguns chegam à instituição e não sabem manusear um computador. No decorrer do curso algumas práticas vão sendo aprimoradas ou mesmo desenvolvidos e isso

muitos alunos começam a não se reconhecerem mais dentro da sua comunidade. Diante dos preconceitos sofridos e, ainda, atrelados à percepção da falta de perspectivas de crescimentos profissional dentro da terra indígena, alguns acreditam que o seu retorno à comunidade após o termino do curso, ofertado pelo *Campus*, seja inviável, tal como coloca um estudante:

*Minha perspectiva de futuro é ser um zootecnista muito bem empregado na cidade grande, não devendo mais voltar para a comunidade, até por que no Contão não existe muitas propostas de emprego e isso impede que minha volta seja viável. (JDCS)*

Nesse sentido, realizamos uma leitura da Proposta Pedagógica do Curso (PPC) e constatamos que a utilização da Pedagogia da Alternância implantada como proposta metodológica no IFRR – *Campus* Amajari tem como finalidade promover a formação profissional e, no processo de ensino e aprendizagem, considerar a cultura indígena e o vínculo com sua família e comunidade, oportunizando:

A formação de profissionais que poderão intervir na realidade local, buscando superar problemas relacionados à organização social, com conhecimentos voltados à agropecuária, podendo intervir no desenvolvimento social e econômico do município e da região. Salienta-se que o mais importante é, por meio do regime de alternância, o discente ter a oportunidade de se dedicar aos estudos, sem prejudicar sua produção familiar e de pequeno porte, por participar em períodos alternados com aulas no tempo escola, onde poderá contar com a estrutura de alojamento e transporte escolar, e com períodos destinados ao tempo comunidade, aonde intensificará seu aprendizado difundindo seus conhecimentos na comunidade (PLANO DE CURSO, 2018, p.14).

Além de possibilitar a superação de problemas relacionados à organização social, o curso tem como objetivo:

Possibilitar ao Técnico em Agropecuária formação para exercício profissional na sua área de atuação e pleno exercício da cidadania como um profissional crítico, criativo e capaz de interagir, sendo agente de mudanças na sociedade em que vive e exercendo atividades específicas no mundo do trabalho (PLANO DE CURSO, 2018, p.14).

Compreendemos que construir uma verdadeira alternância, é dar oportunidade para o discente se

integrar no processo de formação através de conteúdos e vivências nos diferentes tempos e espaços alternados; numa dinâmica capaz de reconhecer as diferenças e os paradoxos presentes no universo acadêmico e da realidade de vida das famílias do campo. Contudo, na execução do curso, parece não ter ficado claro as finalidades previstas no PPC de formar profissionais que podem contribuir com o desenvolvimento local, pelo menos para mais de oitenta por cento da turma. Ao serem perguntados sobre **“Qual era a perspectiva de futuro”**, apenas três de um universo de vinte um estudantes relataram o desejo em retornar para suas comunidades e contribuir com os conhecimentos adquiridos no IFRR *Campus* Amajari.

*Pretendo como Técnica em Agropecuária levar conhecimento técnico para dentro da minha comunidade, algo que quero mostra o que eu tenho adquirido nos três anos de curso, mostrando as técnicas e colocando em prática o conhecimento adquirido ao longo do curso. Podendo ajudar minha família e minha comunidade. Se isso não for do meu alcance vou fazer de tudo para não desistir por algo que quero conquistar para ajudar minha*

*família fazendo o possível sendo autônoma, no caso se eu não conseguir vaga no mercado de trabalho, ou seja, um trabalho fixo. Minha perspectiva é levar conhecimento que estou adquirindo para ajudar pessoas com planejamento no futuro estudar mais e consegui ajudar minha família, principalmente meus pais que foram minha motivação na minha vida estudantil nos três anos que passei fora de casa em busca de um futuro melhor. (SRS)*

*É ajudar a comunidade tecnicamente na área vegetal e animal ou procurar evoluir na área. Ter bom conhecimento mais avançado e levar para a comunidade. (ER)*

*É buscar mais conhecimento técnico tanto para minha vida profissional e para minha comunidade. E poder auxiliar ajudando pequenos produtores, e também ter meu próprio negócio, ou seja, minha empresa, se tornando um micro empresário com visão de empregar pessoas ou mesmo aqueles jovens que hoje entram para o mundo das drogas e incentiva os para estudar. (RRS)*

Os demais estudantes que representam 85% (oitenta e cinco) por cento dos participantes da pesquisa manifestaram o desejo de migrarem para capital (Boa Vista-RR), em busca de outras oportunidades de trabalho, de estudo, que não envolvam o ambiente comunitário.

A partir desses relatos, refletimos sobre o “movimento como ilusão” tratada por Machado (2017) contrapondo à perspectiva prevista na Proposta Pedagógica do Curso. Em torno disso, a ilusão refletida por Machado tem como cerne a terra e o movimento, que segundo o autor:

[...] opera como uma ideologia “enganosa”, que acaba por beneficiar os que não se movimentaram em detrimento daqueles que o fizeram. Tratamos tanto da mobilidade como da imobilidade, portanto quem sai para a cidade não recebe terra, que é o bem mais valorizado nesse contexto. O movimento é literalmente uma expulsão de parte dos membros da família do acesso à terra (MACHADO, 2017, p.29).

Dessa forma, entendemos que a intenção de oportunizar formação de profissionais que poderão intervir na realidade local – buscando superar problemas relacionados à organização social, com

conhecimentos voltados à agropecuária e podendo intervir no desenvolvimento social e econômico do município e da região – ainda não foi plenamente atingida, já que:

Quando colocamos a possibilidade do diálogo entre os diferentes povos e culturas como horizonte a ser alcançado, precisamos logo esclarecer que ele pressupõe que os povos estejam fortalecidos e seguros, quanto à questão de suas terras, quanto à sua identidade étnica e nas suas relações com “os outros”. A dialogicidade não se constrói enquanto posição de adesão, “entreguismo” ou retirada, nem é estabelecida entre “vencidos e vencedores”. Ao contrário, é uma posição de confiança. Reforça a necessidade de novas relações entre aqueles que se encontram, que entram em contato, como condição de um novo diálogo, que reclama, que exige, que está carregado de conflitos (BERGAMASCHI; SILVA, 2007, p. 132).

Nesse viés, é preciso redobrar o olhar quando da oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica aos mais diversos grupos étnicos, sobretudo porque os indígenas possuem processos educacionais próprios, fazendo estes se perceberem como seres histórico-sociais capazes de chegar onde quiserem e transformar

a realidade em que vivem – o que, em outras palavras, significa:

buscar a autonomia, a auto-realização e a emancipação através de sua participação responsável e crítica nas esferas sócio-econômico-política. Isto consiste em perceber o homem como um ser capaz de colocar-se diante da realidade histórica para, entre outros aspectos, reagir à coerção da sociedade, questionar as pretensões de validade e de normas sociais, construir uma unidade de interesses e descobrir novas estratégias de atuação solidária (CEFET-RN, 1999 apud MOURA, 2007, p.22).

Mas para que isso possa acontecer de fato, é preciso que se rompa com o “viés homogeneizante, o qual, quando não desconsidera o conhecimento indígena, o hierarquiza” (NASCIMENTO, 2017, p. 304). Sendo assim, ao IFRR *Campus* Amajari, como instituição de ensino com forte presença de estudantes indígenas, compete oportunizar capacitações específicas ao seu corpo docente, pois a partir do momento em que esses profissionais, ao conhecerem e compartilharem a realidade cultural desses alunos, algumas barreiras enfrentadas com a diversidade étnica poderão ser

amenizadas e novos caminhos poderão surgir rumo ao reconhecimento e valorização de fato dos saberes indígenas.

Nesse contexto, a Educação Profissional e Tecnológica é uma aliada na promoção do desenvolvimento local, e que principalmente está a favor do resgate da valorização da cultura comunitária.

Outro ponto a se pensar na oferta da Educação Profissional a grupos étnicos indígenas seria a possibilidade de uma proposta pedagógica, assim como um currículo, que evidenciem ou mesmo contemple os saberes e práticas da comunidade, pois, do ponto de vista prático, isso demonstraria respeito à diversidade e à alteridade. A possibilidade de uma proposta pedagógica, com esse propósito, poderia tirar de cena várias práticas de preconceitos e percepções de que “[...] conteúdos que vem do sistema educacional são visto como conhecimento, enquanto os conteúdos das práticas tradicionais são vistos como saberes e, portanto, inferiores” (NASCIMENTO, 2017, p. 304).

Ainda durante a pesquisa perguntamos: **Qual era a visão dos estudantes sobre a Educação Profissional e Tecnológica?** Entre os vários relatos, um chamou

bastante atenção pela empolgação em falar sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT):

*A minha Educação Profissional foi o máximo absorvida em todas as aulas me dediquei intensamente aos estudos não é a toa que consegui chegar aonde cheguei, Técnico em Agropecuária. (JDCS)*

Outro estudante menciona a importância dos conhecimentos adquiridos ao longo dos três anos de curso:

*A minha visão na Educação Profissional e Tecnológica é levar os conhecimentos técnicos adquiridos durante os três anos. Levando os meios de ensino em profissões diferente que cada profissional tem. Sendo bom educador mostrando técnicas aprendidas ao longo do curso, ouvindo palavras que nos levam a alta motivação de aprender as técnicas e colocar em prática a teoria. Pois o nosso objetivo enquanto estudante é ter uma qualificação técnica em agropecuária e valorizar os conhecimentos ensinados durante os três anos de curso (RRS).*

Notamos que o estudante tem uma percepção positiva sobre a EPT, valoriza isso ao dizer que quer levar para a vida as técnicas aprendidas e colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos. Com esse entendimento, os dois estudantes serão capazes de produzir e recriarem a partir dos ensinamentos da formação técnica. Outro estudante compreende que:

*A Educação Profissional como técnico tem muitas alternativas para todos que nela vivenciam alternativas para ter uma boa qualidade de vida, visa empreendedorismo e prepara os estudantes para alcançarem seus objetivos e ter um bom sucesso na sua profissão (MCR).*

Aqui percebemos que os estudantes entendem a EPT como ascensão social ampla com formação que pode lhes proporcionar, através da pesquisa, estímulo para a curiosidade de buscar alternativas que não os deixem esbarrar em concepções fechadas de informações e saberes. Como bem coloca Moura (2007, p.23):

a pesquisa deve instigar o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gerar inquietude, para que ele não incorpore “pacotes fechados” de visão de mundo, de informações e de saberes, quer sejam do senso comum (saber cotidiano), escolares ou científicos.

Diante da citação de Moura, trazemos a fala de um estudante que conseguiu perceber que na EPT é possível adquirir conhecimentos como também aprofundar os saberes empíricos vivenciados no dia a dia da aldeia.

*A Educação Profissional em minha opinião é o estudo que traz mais conhecimento e se aprofunda nos conhecimentos que já temos [...] (VMT).*

A relação entre o conhecimento prévio do aluno e o proporcionado pela escola, como relatado cima, tende a contribuir com o desenvolvimento integral do indivíduo, porém o discurso feito por este aluno, não manifesta a perspectiva geral da turma. A partir disso, acreditamos que a instituição precisa elaborar estratégias que demonstrem claramente a ligação existente entre os saberes prévios dos alunos e os conteúdos ofertados

durante o curso. Assim, uma das estratégias pode ser a prática da contextualização, pois esta:

Possibilita que o aluno desenvolva as relações entre o objeto de aprendizado e a sua vivência real. Contextualizar é levar em conta a realidade do aluno, o contexto no qual ele está inserido, para que o aluno possa realmente se apropriar do conhecimento para que este lhe seja útil em sua vida cotidiana (MIRANDA, 2019, p. 108).

Nesse panorama educacional, Miranda (2019) diz que o ensino deve considerar o estudante como sendo a base central no desenvolvimento escolar. Levar em consideração também que o aprendizado se desenvolve por meio das relações que se estabelecem no dia a dia. Pois, segundo Frigotto (2008, p. 43) “a produção do conhecimento e sua socialização ou negação para determinados grupos ou classes não é alheia ao conjunto de práticas e relações que produzem os homens num determinado tempo e espaço. Pelo contrário nelas encontra a sua efetiva materialidade histórica”.

Nesse viés, para além da contextualização, a interdisciplinaridade pode ser uma necessidade urgente que os docentes enquanto mediadores do conhecimento podem estar, de forma corriqueira,

trabalhando em suas práticas aproximando os conteúdos proposto nos Planos de Curso à realidade social de seus alunos, como bem coloca Frigotto (2008, p. 43): “a necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na natureza intersubjetiva de sua apreensão, caráter uno e diverso da realidade social”. As disposições acima trazem implicações na prática do docente. Diante disso, destacamos que uma delas é o rompimento do currículo, uma vez que é posto de forma fragmentária. Corroborando com esse ponto de vista, Frigotto (2008, p. 44) reconhece que “o trabalho interdisciplinar não se efetiva se não formos capazes de transcender a fragmentação e o plano fenomênico, heranças fortes do empirismo e do positivismo”.

Neste sentido, reformular os currículos pode ser um caminho para superar essas fragmentações que tem contribuído negativamente na formação de estudantes indígenas no campus Amajari.

# 3

APROXIMANDO  
SABERES  
TÉCNICOS DOS  
SABERES  
TRADICIONAIS  
DOS ESTUDANTES  
INDÍGENAS

Para a composição dos conhecimentos caracterizados nesse capítulo, foram utilizados dois instrumentos. O primeiro foi um questionário que fazia a seguinte pergunta: **vocês acreditam que se o professor partir dos conhecimentos prévios dos alunos fica mais fácil a aprendizagem de novos conteúdos?** As respostas foram unânimes, com o “sim”, pois segundo eles muitas práticas eram conhecidas, porém com nomes diferentes. O segundo instrumento foram as rodas de conversa em que ficou claro que uma das dificuldades enfrentadas pelos estudantes era justamente em relação às terminologias utilizadas pelos professores durante as aulas, com isso foi proposto aos estudantes que descrevessem esses termos. Eles aceitaram o desafio e detalharam várias definições, que poderão subsidiar os docentes durante o ensino dos conhecimentos já consolidados pelo curso.

Frente a essa realidade, esse capítulo proporcionará aos docentes conhecer um pouco mais a bagagem de conhecimento empírico dos estudantes e com isso usar esses dados a favor do processo de ensino e aprendizagem, facilitando, desse modo, a compreensão dos indígenas.

Durante os diálogos, alguns estudantes afirmaram que vários termos científicos mostrados durante o curso, a princípio, pareceram muito distantes de suas realidades. Contudo, no decorrer das aulas, foram percebendo que algumas práticas ensinadas pelos professores eram conhecidas – porém com nomes diferentes. E isso foi perceptivo pelos estudantes porque, segundo Miranda (2019, p. 103), “o conhecimento só faz sentido para o aluno se ele é visto de forma integrada, como parte da realidade em que vive”. Caso isso não venha a ocorrer ou demore, o que é proposto a ensinar nas escolas pode vir a se tornar conhecimentos sem significados para o estudante. Assim, torna-se significativo para o aluno que o docente elabore estratégias para integrar os conhecimentos sistematizados pelo curso com a realidade sociocultural em que aquele está inserido, buscando superar a visão fragmentada dos conteúdos que estão postos nos currículos, como bem coloca Miranda (2019, p. 105), ao dizer que “no ensino escolar, este conhecimento demasiadamente fragmentado não encontra correspondência na realidade do aluno, e passa a constituir um conhecimento teórico considerado sem sentido ou sem aplicação em sua vida cotidiana”. Nessa

perspectiva, os estudantes se propuseram a descreverem alguns termos técnicos vistos durante o curso, que já eram conhecidos, entretanto com outros nomes. Corroborando com essa ideia, Miranda (2019, p. 107) diz que “tornar a aprendizagem um processo significativo mediante a participação ativa e crítica do aluno requer trazer para a sala de aula as vivências e saberes para confrontá-las com os conhecimentos provenientes das diversas disciplinas”, já que, nesse contexto, o aluno busca relacionar seus conhecimentos de vida e dos saberes já consolidados para o reconhecimento da utilidade dos saberes acadêmicos em suas ações do dia a dia.

Sendo assim, juntamente com os estudantes indígenas, elaboramos um breve glossário com alguns termos técnico e respectivos conhecimentos tradicionais, que poderão subsidiar a prática docente durante as aulas.

# GLOSSÁRIO

*Por uma questão didática utilizaremos a sigla (TT) para apresentar os Termos Técnicos e, (CT) para Conhecimentos Tradicionais.*



**ADUBAÇÃO DE FUNDAÇÃO (TT)** – Uma técnica utilizada para manter o nível de nutriente no solo durante o desenvolvimento da lavoura. Essa técnica requer bastante atenção, principalmente na parte de medidas exatas de adubos químicos como também na quantidade de adubo orgânico.

**COVA ADUBADA (CT)** – Termo que a comunidade atribui quando é cavado um buraco e nesse local é colocado esterco de gado para depois realizar o plantio de uma determinada cultura.



**ARAÇÃO DO SOLO (TT)** – Consiste em uma técnica de preparo do solo para plantio, que se baseia na inversão de camadas do solo. Normalmente realizada na profundidade de 20 cm, a aração revolve o solo aumentando os níveis de oxidação da matéria orgânica e rompendo a estrutura do solo.

**REVIRAR O BARRO, ENFOFAR (CT)** – São termos conhecidos na comunidade para descrever a atividade realizada com arado para tornar a terra mais solta, permitindo assim melhor desenvolvimento das raízes.



**CALAGEM DO SOLO ou CORREÇÃO DE SOLO (TT)** – É um processo que pode ser feito em qualquer época do ano. Contudo, é importante que a aplicação do calcário seja realizada com a maior antecedência possível

(mínimo três meses) antes do plantio para permitir sua reação com solo.

**CALCAREAR (CT)** - É o termo usado na comunidade para descrever o processo que é feito na terra antes de plantar uma determinada cultura.



**CERRADO (TT)** - Solo cheio de capim, plantas invasoras.

**CAPOEIRA (CT)** - Termo utilizado pela comunidade para se referir ao espaço de terra que após o plantio de um determinado cultivo foi abandonado e acabou sendo empestado por matos sem serventia.



**COBERTURA MORTA (TT)** - É o termo atribuído ao conjunto de materiais colocado sobre a superfície do solo para manter a umidade e melhorar suas condições.

**AMONTOAR CAPIM (CT)** - Termo utilizado pela comunidade quando é feita a limpeza de uma área e

aqueles capins e outros matos pequenos são jogados ou amontoados ao redor das plantas.



**COMPOSTAGEM (TT)** – A compostagem é um processo composto por qualquer resíduo orgânico comumente encontrado no lixo urbano e rural – podendo ser reciclado. Esses resíduos já são naturalmente colonizados com grande número de microrganismos, os quais apresentam propriedades para degradar vários compostos orgânicos. Restos de comida, gramas, folha, esterco de galinha, esterco de bovino entre outros servem para fazer compostagem.

**TERRA PRETA (CT)** – Termo atribuído à terra resultante de várias misturas com restos de alimentos, madeira que, ao se decomporem, se transformam em uma terra escura e boa para adubar as plantas.



**COROAMENTO (TT)** – Termo atribuído à prática de juntar todo o solo restante com uma enxada, cavando

um pouco em forma de leira ao redor da muda da planta, com medição de 30 centímetros de distância da planta.

**AMONTOAR TERRA (CT)** - Termo atribuído à prática de colocar terra em volta das plantas.



**CURTIR ESTERCO (TT)** - Tirar o excesso de amônia e outras substâncias químicas.

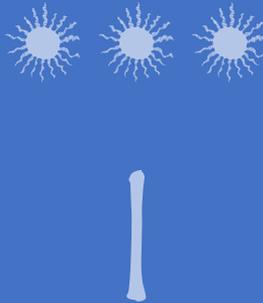
**LAVAR ESTERCO (CT)** - Para a retirada do excesso de xixi do gado.



D

**DESBASTAMENTO (TT)** - Termo técnico utilizado quando a planta é plantada perto uma da outra, e depois é preciso fazer a limpeza removendo o excesso.

**SEM TERMO PRÓPRIO (CT)** – É costume arrancar as plantas mais feias para que as bonitas possam se desenvolver mais rápido, porém não é atribuído um termo específico a essa prática.



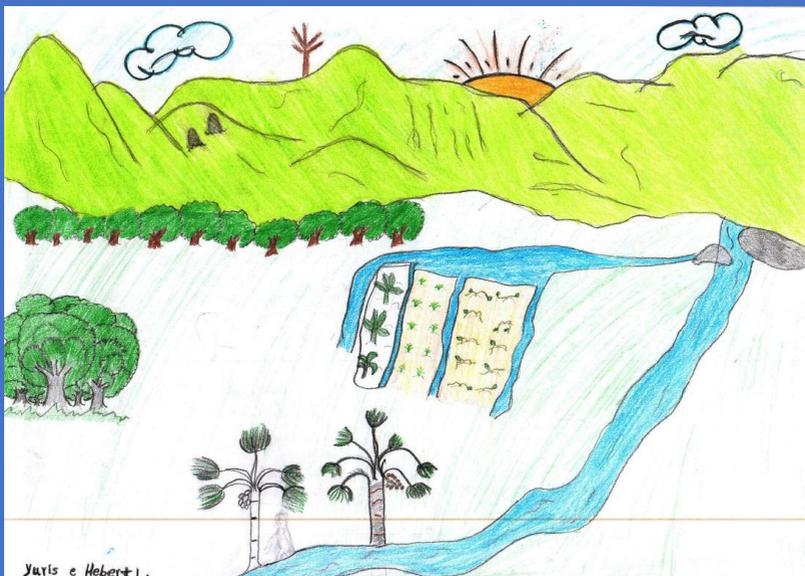
**INCORPORAÇÃO DO SOLO (TT)** – Esse é um termo que se refere a algum material adicionado ou a ser adicionado no solo. Além disso, expressa que alguns materiais são misturados ao perfil do solo como, por exemplo, matéria orgânica ou calcário.

**MISTURA DE BARRO COM ADUBO (CT)** – É o termo atribuído à inclusão de alguma substância a terra.



**IRRIGAÇÃO (TT)** – É uma técnica utilizada na agricultura para o fornecimento controlado de água para as plantas em quantidade suficiente e no momento certo. Assegurando a sobrevivência e produtividade.

**VASANTE (CT)** – É uma irrigação que ocorre naturalmente sem manejo do homem e tem a mesma função de assegurar sobrevivência e produtividade das plantas.



Tipo de Irrigação/ Ilustração feita por Yuris da Silva e Hebert Leonel da Silva, estudantes do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

# M

**MECANIZAÇÃO (TT)** - É o uso de ferramentas para substituir o trabalho dos seres humanos, mas também pode se referir ao uso delas para auxiliar uma operação humana.

**ARADAR, QUEBRAR, CORTAR, ENFOFAR (CT)** - Eram termos atribuídos à ação de mexer com a terra.



**Mecanização do solo/** Ilustração feita por Rodrigo Ramos Segundo, estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância/IFRR/Campus Amajari, 2019.

# P

**PREPARO DA ÁREA PARA PLANTIO (TT)** – É definido como um conjunto de operações agrícolas que envolvem a mobilização mecânica da camada arável em que se desenvolve a maior fração do sistema radicular das plantas, promovendo o seu rompimento em torrões agregados do tamanho adequado, assim como a mistura ou a incorporação de material.

**COIVARAR (CT)** – Termo utilizado para descrever a prática de recolhe os restos de galhos que não foram queimados na roça, ou seja, o agricultor faz uma limpeza para depois realizar o plantio desejado.



**PODA (TT)** – Termo técnico utilizado para descrever a prática de eliminar galhos de qualquer frutífera. Trata-se, assim, de uma limpeza feita por ano nas plantas para

proporcionar melhor arejamento e induzir a planta a emitir nova brotação.

**PAIRAR GALHO ou CORTAR GALHOS (CT)** - Esses termos são atribuídos para a retirada de excesso de galhos das plantas.



**SEMENTE ORTODOXA (TT)** - Trata-se de sementes que demoram mais tempo para serem plantadas. Além disso, são mais duráveis. E, por vezes, colocamos essas sementes para secar no calor do sol e depois são armazenadas.

**SEMENTE VELHA (CT)** - É o termo que os mais velhos conhecem para se referirem às sementes que duram mais tempo para serem plantadas.



**SEMENTES RECALCITRANTES (TT)** – São sementes que depois de consumidas o fruto estão prontas para serem plantadas novamente por serem suculentas.

**SEMENTES NOVAS (CT)** – Termo conhecido para se referir às sementes que após o consumo da fruta já estão prontas para serem cultivadas.



**SOLO (TT)** – É a camada superficial da crosta terrestre. Trata-se de um complexo composto de materiais minerais e orgânicos. O solo é ainda resultado da ação de vários elementos: água, clima, organismos vivos, relevos, tipo de rocha e o tempo de atuação desses fatores.

**BARRO (CT)** – Termo utilizado para se referir ao chão, terra



**SOLO COMPACTADO (TT)** - É um tipo de solo onde há bastante camada de pedra ou solo pisado por muito tempo pelos animais, acarretando essa compactação tornando o solo bem rígido. Esse tipo de solo não é recomendado para a fruticultura, pois impede a penetração das raízes e, após a irrigação, a água não filtra com facilidade - demorando por muito mais tempo.

**BARRO DURO (CT)** - Local difícil de trabalhar seja como ferramenta manual ou mecanizada.



**SOLO IRRIGADO (TT)** - É o termo utilizado para descrever o solo que recebeu o fornecimento controlado de água.

**BARRO MOLHADO (CT)** - Termo que se refere ao chão que recebeu uma determinada quantidade de água.



**SOLO FÉRTIL (TT)** - Termo técnico utilizado para descrever um tipo de solo em que qualquer planta se

adapta, pois o solo é rico em nutrientes e contém forte presença de matéria orgânica, proporcionando à planta o desenvolvimento com facilidade.

**BARRO BOM (CT)** – Local onde a planta tem facilidade de se desenvolver.



**TRATOS CULTURAIS (TT)** – É todo o processo desenvolvido para que os agricultores consigam realizar o cultivo das plantas. É necessária a execução de diversos tratos culturais, tais como: desbastes de plantas e de frutos, controle de plantas invasoras ou erva daninhas, adubação de cobertura, condução das ramas ou penteamento, polinização, proteção dos frutos, irrigação, entre outros. Isso faz com que as plantas se desenvolvam e produzam frutos de qualidade.

**CAPINAR, PODAR, ARRANCAR, CORTAR, TIRAR (CT) –**

Retirada de matos de uma determinada área para que seja possível a plantação das lavouras.



## REFLEXÕES FINAIS

Esses conhecimentos apresentados colocam em evidência a relevância de considerar, no contexto de sala de aula, os conhecimentos prévios dos estudantes indígenas, uma vez que estes – em razão de sua língua materna e cultura – não perceberem a relação existente entre os conhecimentos consolidados pela tradição escolar e os saberes empíricos do seu dia a dia.

Ao desconsiderar isso, o estudante não conseguirá ver sentido naquilo que o professor está ensinando e, conseqüentemente, não aprenderá, resistindo à aprendizagem, Gadotti (2003).

Ainda, quanto a essa questão, Freire (1996, p.30) diz que o professor, assim como a escola de forma ampla, devem não só “[...] respeitar os saberes [...] dos educandos, sobretudo os das classes populares [...]”

saberes socialmente construídos na prática comunitária, como também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos”.

Nesse viés, a contextualização, já apresentada no capítulo II, pode ser uma estratégia que permitirá a articulação entre os conteúdos das diversas disciplinas e os saberes tradicionais dos estudantes indígenas.

# NOTAS

1. Disponível em:<<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>>. Acesso em 18 de maio de 2020.
2. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/4687206>>. Acesso em 19 de maio de 2020.
3. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi#Hist.C3.B3rico\\_do\\_cotato](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi#Hist.C3.B3rico_do_cotato)>. Acesso em 22 de abril 2019.
4. Disponível em:<<https://www.pacaraima.rr.gov.br/4/pagina>>. Acesso em 08 de março de 2019.
5. Disponível em: <<http://valoreseidentidademacuxi.blogspot.com/>>. Acesso em 20 de abril de 2020.
6. As sementes crioulas são, por definição, variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares ou camponeses, assentados da reforma agrária, quilombolas ou indígenas, com características bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades. Disponível em:<<https://www.manejebem.com.br/novidade/sementes-crioulas-sabedoria-e-sustentabilidade>>. Acesso em 24 de abril de 2020.
7. O Tipiti é um artefato criado pelos indígenas para facilitar a prensagem da mandioca ralada, para extração do veneno, posterior secagem da massa e preparação da farinha e do beiju. Disponível em:<<https://www.coisasdaroca.com/coisas-antigas-da-roca/tipiti.html>>. Acesso em 23 de abril de 2020.
8. Disponível em:<<https://folhavy.com.br/noticia/CIDADES/Capital/De-bebida-cultural-dos-indios--caxiri-agora-e-produto-a-venda/24837>>. Acesso em 23 de abril de 2020.
9. Disponível em:<<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/06/cauim-a-bebida-ritual-dos-indios>>. Acesso em 24 de abril de 2020.

# REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GOMES, Luana Barth. **A temática indígena na escola:** ensaios de educação intercultural. Currículo sem fronteiras, v.12, n1, PP. 53-69, jan/abri, 2012.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SILVA, Rosa Helena da. **Educação escolar indígena no Brasil:** da escola para índios às escolas indígenas. Agora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 124-150, jan./jun. 2007.

FARAGE, N. **As muralhas dos Sertões:** os povos indígenas no Rio Branco e a colonização. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS. 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais.** Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu. v. 10, nº I., Pag. 41-62, 1º semestre de 2008.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>>. Acesso em 23/03/2020.

INSTITUTO FEDERAL DE RORAIMA. **Plano do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância**. Amajari, RR: 2018.

MACHADO, I. R. **Movimentos e parentesco**: sobre as especificidades dos deslocamentos. Revista Campos, v 15 n. 2, 2017.

MATOS, Daniel Abud Seabra; JARDILINO, José Rubens Lima. **Os conceitos de concepção, representação e crença no campo educacional**: similaridades diferenças e implicações para a pesquisa. Educação e Formação, fortaleza, V1,n 3 p. 20-31, set./ dez. 2016.

MIRANDA, Guacira Quirino. A noção de interdisciplinaridade e contextualização no ensino médio. In: LONGAREZI, Andréa Maturano; AQUINO, Orlando Fernández; VADÉS, Roberto Puentes (Orgs). **Ensino Médio [recursos eletrônico]**: processos, sujeitos e docência. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 103-126

MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica**: dualidade histórica e perspectiva de integração. *Holos*, Ano 23, Vol.2- 2007.

NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do. **Antropologia, interculturalidade e educação escolar indígena em Roraima**. – 1 ed.- Curitiba: Appris, 2017.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de; LIMA, Lucas Correia. Estudantes indígenas e não indígenas: Práticas de interação cultural em Amajari, RR. In: PASSOS, Pamella; MULICO, Lesliê (Orgs). **Educação e direitos humanos na rede federal de educação profissional e tecnológica**. João Pessoa: editora IFPB, 2019. p. 295-344.

PAULA, E. D. de. A Interculturalidade no cotidiano de uma escola indígena. In: **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 49, Dez/1999, p.88. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n49/a07v1949.pdf>>. Acesso em: 14/04/2019.

SANTILLI, Paulo. **Os macuxi**: história e política no século XX. Dissertação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1989.



